



Com este novo número, a *Revista Plural*, mais uma vez, entrega-nos uma agenda temática que reatualiza e renova os sentidos da reflexão sociológica em um diálogo cruzado entre a teoria, a pesquisa empírica e a prospecção de questões da atualidade.

Autores e temas da tradição sociológica são revisitados sob uma perspectiva que reativa a indagação que esteve em sua origem e, por essa via, interpela-nos por sua pertinência para a reflexão crítica de nosso próprio presente.

Assim, Felipe Ramos enfrenta a mais do que espinhosa noção de Estado em Marx e Weber, perseguindo as linhas de força de ambos os autores, em uma contraposição de perspectivas que, justamente nesse contraponto, relança a questão do espaço da política do mundo moderno e contemporâneo, as aporias que se alojam na tensão entre burocratização e conflito, legitimação e dominação, racionalização e emancipação.

Alan Mocellim, por sua vez, revisita a noção de comunidade, ou melhor, a binaridade sociedade-comunidade, fundante da tradição sociológica e que é reativada, com outros sentidos e em outras direções, no cenário contemporâneo. É sob essa perspectiva que, no diálogo cruzado entre autores clássicos e contemporâneos, com as indagações e inquietações de antes e de agora, perguntas lançadas lá e aqui em torno de um mundo que oferece o que pensar, esses termos tão importantes do repertório sociológico – indivíduo e sociedade, identidade e sociabilidade, norma e valores – reaparecem não como entidades conceituais congeladas, mas como questões e problemas carregados de historicidade e da força viva de uma indagação renovada sobre as complicações de um tempo presente.

Caroline Landau e Elizardo Costa se debruçam sobre o sempre atual tema dos movimentos sociais e, cada qual em sua própria seara, apoiando-se em achados de pesquisa empírica, longe de tão simplesmente seguir os cânones de uma agenda já consagrada da pesquisa social, mostram o quanto a ação coletiva pode e deve ser vista como marcador e senha para o deciframento de recomposições societárias em

curso e, mais ainda, do leque de possíveis que parecem se desenhar no horizonte dos conflitos e das tensões que atravessam a atualidade.

Caroline segue os fios cruzados das redes de ativistas em torno do HIV/Aids e, nessa empreitada, recupera a memória dos “anos heroicos” (anos 1980) do ativismo social, não para avaliar o diagnóstico prevalecente do esgotamento de um movimento, mas para chamar a atenção para a importância (e exigência) de se construírem outros parâmetros para identificar e conferir importância e envergadura a campos atualizados de ação e invenção política.

Elizardo lança seu foco para outro lugar. Em sua mira estão os movimentos indígenas bolivianos, e, nos meandros de um conflito que não vem de agora, o pesquisador descortina questões de fronteira que se referem não apenas ao tema já conhecido, quase canônico, da identidade étnica, mas a uma experimentação política própria de um país que ousou reconhecer a plurinacionalidade, configurando um campo de conflito em que se articulam a defesa de direitos consuetudinários e a muito moderna e atualíssima demanda por uma democracia não excludente.

Nesse trânsito entre a teoria e os imperativos de deciframento do presente, Cleber Bosetti propõe uma reflexão transdisciplinar, recuperando as questões propostas pelo historiador E. P. Thompson (e o campo polêmico no qual essas questões se inscrevem) e seu legado para as ciências sociais, convidando a uma reflexão sobre as possibilidades de se conferir estatuto teórico – e político – à ação dos sujeitos em campos determinados de experiência e seu lugar na produção do social, nos nexos que articulam história, cultura, classes e conflito social. É sob essa perspectiva que Cleber faz suas apostas, no sentido de um entendimento dos movimentos sociais como processo histórico, longe de definições fixas e categoriais que acolhem a diversidade e heterogeneidade própria dos tempos que correm, mas que são atravessados por linhas de força que também apontam ou podem apontar para futuros possíveis.

Postos lado a lado, em seu conjunto e no diálogo cruzado que esses textos permitem, temos os traços de um exercício sociológico que articula teoria e empiria, exigência de rigor analítico e um engajamento com o tempo presente que se volta aos desafios postos na experiência de sociedade. É nisso que a *Plural* parece reafirmar sua aposta em acolher uma produção intelectual, apoiada em pesquisas recentes ou em curso, de jovens pesquisadores que “alinham” sua escrita com os fios que fazem a história da Sociologia, porém jogando suas pontas em direções outras, movidas por questões que se abrem a novas interrogações.

São Paulo, agosto de 2011,
Vera Telles